

PELA COPA

Ermilo Drews

ermilo.neto@gruposinos.com.br



José Carlos Keiber

jcarloskeiber@gmail.com
eudajo.com.br



Na cidade da Nasa, Brasil decola para as oitavas da Copa

Houston, o Japão teve um problema! Ele não esperava que o Brasil decolasse no segundo tempo. Na cidade onde os foguetes da Nasa alçam voo, o Brasil decolou para as oitavas de final da Copa do Mundo. E foi com emoção! Mais do que precisava, vamos combinar. Tudo bem que não faltaram alertas, inclusive aqui nesta coluna, de que o Japão sabia sim jogar futebol. Aquele Japão que perdia de goleada para o Brasil em Copa do Mundo ficou em 2006. Dos 26 convocados pelo técnico Hajime Moriyasu, 23 atuam na Europa.

Mas podia ser menos sofrido. O gol de Martinelli nos acréscimos foi uma injeção de adrenalina e alívio na torcida brasileira. Passado o êxtase, é hora fazer a lição de casa. Daqui pra frente, os confrontos serão cada vez mais duros. No próximo teremos pela frente Costa de Marfim ou Noruega. Será mais que um jogo. Será um embate físico.

DIVULGAÇÃO/FIFA



Martinelli fez o gol da classificação do Brasil

Houston, we have a problem

Mas se o Japão sentiu o peso da camisa pentacampeã, nós também temos nossos problemas, como o jogo de ontem demonstrou. O Brasil até começou bem, mas o passe errado de Danilo no meio-campo e o gol de contra-ataque do Japão desestabilizou a seleção. A marcação ajustada e a transição rápida japonesa deram dor de cabeça para nossa defesa, especialmente no primeiro tempo. Veteranos, Casemiro e Danilo tiveram dificuldades em correr para trás e acabaram amarelados. Um alerta para Carlo Ancelotti. Nas próximas fases, o Brasil poderá ter pelo caminho atacantes como Yan Diomandé, Haaland, Harry Kane, Messi... O sarrafo será mais alto. Outro ponto de atenção é a dificuldade do time de Ancelotti em furar defesas fechadas. Numa parte considerável do jogo, o Brasil foi burocrático, dando passes laterais e alçando bolas na área de maneira protocolar. Com as entradas de Endrick e, especialmente, Martinelli, o Brasil reassumiu as rédeas do jogo.

De vilão a salvador



De atuação comprometedor no primeiro tempo e postulante a vilão em caso de desclassificação, Casemiro encontrou a redenção que só o esporte proporciona com o gol de empate.

Na hora em que o calo aperta, os chamados jogadores de hierarquia, cascudos no linguajar de Renato Gaúcho, precisam aparecer. Foi o que Casemiro fez. Martinelli, outro homem de confiança de Ancelotti, mostrou que tem estrela e o mister conhece do riscado. Jogador operário, estava no lugar certo, na hora certa.

Pilar no meio-campo



Ao lado de Vini Jr, Bruno Guimarães tem sido determinante para o Brasil. Com atuação irregular no amistoso contra o Panamá, pré-Copa, chegou-se a pedir Danilo, do Botafogo, no seu lugar. Mas o desempenho nesta Copa sepultou este pedido. É o maior garçom desta edição. Com a assistência para Martinelli, ele chegou a quatro. É um dos pilares do time de Ancelotti e o jogador com mais passes em toda a Copa: 394 e precisão de 96%.

Na fogueira, Endrick serve



Ancelotti tem currículo, mas tem umas teimosias típicas de treinador. Na hora em que o foguete do Brasil quase deu ré, ele confiou em Endrick para entrar num jogo que poderia encerrar carreiras. Mas para entrar contra Escócia, Haiti, Marrocos, adota cautela e o discurso de que Endrick é o futuro.

Matheus Cunha tira onda

Após a vitória brasileira, o "surfista" Matheus Cunha tirou onda com os japoneses, espalmou a mão indicando o número cinco e gritou quantos títulos o Brasil tem em Copa do Mundo. A provocação foi uma resposta ao atacante japonês Kento Shioyai, que desdenhou da seleção. Camisa ainda pesa e é preciso levar isso em conta na hora de abrir a boca.

Pintou a zebra

Camisa pesa, mas não garante vitória. Que o diga a Alemanha. Numa disputa acirrada nos pênaltis, perdeu para o Paraguai. Gustavo Gomez e Maurício, do Palmeiras, marcaram. Balbuena, do Grêmio, quase que entregou o ouro desperdiçando a última cobrança. Mas a primeira zebra da fase eliminatória pintou.

Árdua classificação

O Brasil sofreu contra o Japão, mas teve força suficiente para reagir e virar. Um enfrentamento duríssimo contra um adversário valente e que só se entregou no último instante. No primeiro tempo, o time brasileiro não conseguiu impor seu ritmo, ficando amarrado no forte esquema defensivo dos japoneses. As entradas de Endrick e Martinelli, na segunda etapa, permitiram uma sensível melhora no setor ofensivo que culminou com os gols. O Brasil mostrou bravura e o gol de Martinelli no finalzinho foi a recompensa. Foi emocionante, mas não animador. É preciso melhorar para seguir sonhando.

Longo caminho até a final

O caminho para chegar ao hexa segue. Depois de Costa do Marfim ou Noruega, em uma eventual fase de quartas de final, o Brasil poderá enfrentar a Inglaterra. Outras opções são México, Equador e RD Congo. Já na semifinal pode aparecer a Argentina. Outras seleções como Holanda, França, Alemanha, Portugal, Espanha e Bélgica só podem aparecer na decisão do título, pois estão do outro lado da chave. Resumindo: para chegar à final, o Brasil precisará torcer para tropeços de Inglaterra e Argentina, o que diminuiria as dificuldades do time de Ancelotti. Se é difícil para a nossa seleção chegar ao título, os desafios dos outros não serão menores.

Justificando a boa fase

Nos dias após as partidas, há sempre alguns jogadores da seleção na academia. Após a vitória frente ao Haiti, nove titulares não foram a campo, apenas Alisson, Paquetá e Vini Jr. foram se exercitar. No retorno de Miami, após a partida contra a Escócia, Douglas Santos, Rayan e Vini treinaram. Impressiona o fato de Vini Jr. ser o jogador com maior número de partidas na temporada, entre todas as estrelas da Copa e da seleção. Mesmo assim, se torna o atleta que menos precisa de manutenção na academia. Vinicius foi o segundo jogador do Brasil com mais alta velocidade na primeira fase: 34,1 km/h, perdendo apenas para o lateral Danilo: 34,2 km/h. Impressiona que Vini seja o único visto em campo todos os dias da Copa do Mundo, além de ser o que mais decide partidas.

Desclassificado pelo goleiro

Uma das leis imutáveis do futebol diz: tenha goleiro e centroavante. Aquele que impede e quem faz o gol. Caso tenha que decidir entre um e outro, fique com o goleiro. Pois foi justamente o que aconteceu com o Uruguai, eliminado na primeira fase. Muslera, 40 anos, falhou em todos os jogos. Foram quatro gols sofridos pelo Uruguai nos três jogos. Resultado: eliminado pelo goleiro.